

CARTA PESSOAL: DO DIÁLOGO AO MONÓLOGO COMO MEIO DE EXPRESSÃO, REFLEXÃO, ENFRENTAMENTO DOS MEDOS E HUMANIZAÇÃO.

Rogério Nascimento Bortolin*
Evandro de Melo Catelão**
Givan José Ferreira dos Santos***

Resumo

O trabalho com os gêneros textuais é uma prática bem vista em sala de aula, haja vista as possibilidades dos caminhos que se podem trilhar. O gênero carta pessoal foi o escolhido para o desenvolvimento de uma oficina de produção de texto que culminou na escrita deste artigo. A novidade, porém, foi a abordagem “desconstruída” e inovadora que foi dada a tal trabalho. Os objetivos eram quebrar a característica dialógica desse gênero, transformando-a em um monólogo e de levar os alunos a se expressarem, refletirem, enfrentarem os seus medos e caminhar assim em direção à humanização. As produções e interpretações dos comandos para escrever cartas para os heróis, vilões e para o “eu” do futuro foram os disparadores da oficina, que obteve resultados além dos esperados e que podem ser comprovados nas análises de três cartas escolhidas.

Palavras-chave: Carta pessoal. Expressão. Reflexão. Humanização.

Abstract

Working with textual genres is a well seen practice inside the classroom, considering the possibilities of paths that can be trodden. The personal letter genre was chosen to develop a writing workshop that ended in this paper. The novelty, though, was the innovative and “deconstructed” approach that was given to the practice. The project aimed to break the dialogical characteristics of this genre, transforming it in a monologue and lead the students to express, reflect, and confront their fears, so go toward the humanization. The productions and the interpretation of the commands to write letters to their heroes, villains and to the “I” from the future were the trigger of the workshop that obtained results beyond from the expected and that can be proved on the analysis of three chosen letters.

Keywords: Personal letter. Expression. Reflection, Humanization.

* Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), *campus* Londrina.

Mestrando em Ensino de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional – em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza, PPGEN, Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Londrina, Paraná, Brasil. rogeriobortolin@hotmail.com

** Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná; Professor pelo Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional – em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza, PPGEN, Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Londrina, Paraná, Brasil. evandrocatelao@gmail.com

*** Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina; Professor pelo Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional – em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza, PPGEN, Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Londrina, Paraná, Brasil. givansantos@utfpr.edu.br

Sobre o texto e suas interfaces

É uma característica inata aos seres humanos a vontade de se expressar. Quando crianças nos expressamos por meio do choro; depois, por meio de uma fala ainda em desenvolvimento; por fim, nos estudos escolares, aprendemos continuamente a manusear uma ferramenta de alto grau de complexidade linguística: o texto escrito.

Esse último nível de expressão é tido como complexo por estar permeado de diversos elementos que nós, produtores de textos, devemos fazer uso de maneira concreta e abstrata: na produção de um texto é necessário que se utilize determinado código (concreto) e que sejam ativados conhecimentos de mundo, inferências, contextos, recursos de coesão para que assim se forme um todo coerente (abstrações). Não é por acaso, portanto, que a raiz da palavra texto venha do latim *textum*, que significa tecido, ou seja, o ato de se elaborar um texto é como um ato de entrelaçar fios, tecer partes, para que assim se consiga um todo. Em suma, podemos entender texto como trabalho que exige diversos tipos de conhecimentos, mobilizados no ato de sua produção.

Bronckart (2006), em seus estudos linguísticos e abordagens sociodiscursivas, fez algumas delimitações relevantes com relação à figura texto. Primeiro, ele entende o elemento *agir* como disparador dos textos, pois, segundo o autor, o *agir* é qualquer comportamento ativo desenvolvido por meios de signos dispostos em textos (próprio da espécie humana); culminando, assim, em ações resultantes das avaliações sociais de linguagem referente às atividades coletivas; essas, por sua vez, possuem motivações, intenções, validações e princípios sociológicos e psicológicos. É, deste modo, à luz de tal teoria que este trabalho se desenvolve.

Marchuschi (2008) também faz delineamentos importantes acerca do elemento texto. O autor faz explanações sobre tipologias textuais, gêneros textuais e domínios discursivos, fatores de extrema relevância para as validações das análises que pretendemos fazer neste artigo.

É necessário, primeiro, entender a noção de gênero textual, compreendido como a materialização dos textos encontrados em nossa vida diária; estes, por sua vez, possuem fatores conteudísticos, funcionais, estilísticos e composicionais. Os gêneros textuais circulam

em determinados domínios discursivos, isto é, esferas de produção discursiva que proporcionam o surgimento de discursos específicos. São os domínios discursivos que permitem a circulação de determinados gêneros textuais. Por fim, os gêneros são compostos por determinadas sequências textuais (ADAM, 2011), que são processos/sequências linguísticas típicas, ou seja, traços que estão presentes no interior dos gêneros textuais.

De acordo com Adam (2011), tais sequências são: narrativas, dissertativas, descritivas, expositivas e dialogais. Todos os gêneros textuais possuem traços das sequências, frequentemente, três ou mais estão presentes concomitantemente no interior de cada gênero. É, também, sob tal perspectiva que será abordado daqui por diante o gênero textual carta pessoal e o trabalho realizado com tal gênero.

Carta pessoal: traços característicos

Em seu livro “Estudo e produção de textos”, Köche et al. (2012), citando Kaufman e Rodriguez (1995), tecem considerações sobre o gênero textual carta pessoal. Dentre elas, estão:

- Gênero textual em que o remetente conta ao destinatário eventos particulares de sua vida.
- Contém acontecimentos, emoções e sentimentos experimentados por um emissor que percebe seu receptor com “cúmplice”.
- Há uma intimidade entre os interlocutores, portanto a linguagem é familiar, espontânea e com marcas da oralidade.
- Possui frases inacabadas, com reticências, que habilitam múltiplas interpretações e uso de pontos de exclamação para dar ênfase a determinadas expressões, refletindo alegrias, preocupações e dúvidas.
- Uso excessivo de adjetivos, diminutivos, aumentativos e interjeições.
- Trata-se de um diálogo a distância entre o remetente e um destinatário que faz parte de suas relações.
- Pertence à ordem do relatar e pode mesclar diferentes tipologias, como a narração, a descrição, a dissertação e injunção.
- O tempo verbal mais empregado é o presente do indicativo.
- Sua estrutura padrão é composta de: local e data, vocativo, corpo do texto, despedida e assinatura.
- Depois da assinatura, o autor pode acrescentar um P.S (*post-scriptum* – pós-escrito) para apresentar informações adicionais que esqueceu de mencionar no corpo do texto.
- Se a carta for enviada pelo correio, faz-se uso de um envelope no qual deve conter informações do remetente e destinatário. (ibid, p. 27 e 28)

O gênero textual carta pessoal é, portanto, um “diálogo” entre interlocutores que possuem um determinado grau de intimidade, permitindo, assim, uma linguagem mais

intimista e espontânea. Além disso, tem uma estrutura textual bastante delimitada, apresenta narrações, descrições, argumentações e injunções e expressa sentimentos, emoções, questionamentos e experiências vividas pelo emissor (ou pelos interlocutores).

Santos et al. (2015) desenvolvem um roteiro que permite ter um melhor entendimento das características e peculiaridades dos gêneros textuais. Aplicando tal procedimento de análise no gênero carta pessoal, têm-se as seguintes caracterizações:

Levantamento de traços característicos do gênero textual “Carta pessoal”

1. Nome específico:

Carta pessoal.

2. Contexto de produção e recepção:

a) autor:

Alguém querendo se comunicar com amigos ou familiares.

Nível de autoria: elevado, visto que tanto o conteúdo quanto a linguagem precisam ser pensadas e construídas pelo autor.

b) Leitor preferencial:

Familiares e amigos.

c) Suporte:

Papel e envelope.

d) Tempo:

Produção sem um tempo determinado; se enviada pelo sistema postal, o tempo de leitura ficará sujeito à data de entrega.

e) Lugar:

Produção: sem lugar determinado (podendo ser escrita em sala de aula como exercício).

Recepção: Geralmente, na residência do destinatário.

f) Evento deflagrador:

Contar eventos particulares da vida do emissor, expressar emoções, sentimentos e perguntar sobre acontecimentos da vida do destinatário.

3. Tema/objeto de estudo:

Assuntos particulares e pessoais da vida do emissor; questionamentos ao destinatário; expressão de emoções e pontos de vista.

4. Função/objetivo:

Dialogar (à distância) com o destinatário que faz parte de suas relações.

5. Linguagem estilo:

Linguagem familiar, informal, espontânea e com marcas da oralidade.

6. Organização/estrutura:

Organizada em parágrafos.

Estrutura: local e data; vocativo; corpo do texto; despedida e assinatura (podendo acrescentar o P.S – *post-scriptum* – para apresentar informações adicionais que se esqueceu de mencionar no corpo do texto).

Fonte: Elaboração dos autores.

Tal roteiro permite perceber melhor as características desse gênero textual e entender questões como contextos, nível de autoria, suporte, motivações, funções e estrutura.

A prática, no entanto, a ser relatada e analisada neste trabalho visa à “desconstrução” da característica dialógica do gênero carta. As propostas objetivavam produções nas quais os alunos-autores enfrentassem os seus medos, se expressassem com relação a seus heróis e refletissem sobre seu futuro. De uma maneira monóloga e reflexiva, as produções das cartas na oficina descrita a seguir idealizavam, sobretudo, a humanização e a reflexão dos alunos.

Oficina de produção de cartas: aos meus medos..., ao meu herói...m ao meu “eu” do futuro

A oficina de produção de cartas foi desenvolvida em um colégio privado da cidade de Arapongas (PR) e mediada pelo professor Rogério Nascimento Bortolin. Por se tratar de um colégio não muito grande, os alunos das três turmas do Ensino Médio – totalizando 25 alunos – participavam juntos da oficina que acontecia no contraturno (tarde), sempre às sextas-feiras, durante todo o mês de fevereiro de 2016, somando, assim, quatro aulas.

A escolha do gênero textual carta pessoal se deu por ser parte de um projeto mais amplo, desenvolvido por aquele professor. Além disso, sua característica dialógica foi reconfigurada, na oficina proposta, para um “monólogo” intimista reflexivo e humanizador, propiciando a abordagem de questões como identidade: autoidentificação e reflexão por parte dos alunos, memórias e até mesmo elementos literários.

Na primeira aula, os alunos tomaram conhecimento de que participariam de uma oficina de produção de cartas, que fazia parte de um projeto maior, direcionado à turma do segundo ano do Ensino Médio. Todavia, todos participariam deste primeiro momento, destinado à oficina de produção de cartas pessoais.

Como eles já tinham conhecimento do gênero carta pessoal, pois já haviam trabalhado tal gênero nos anos anteriores, o trabalho de introdução e explanação dessa modalidade de

texto se deu de maneira rápida e objetiva. Inicialmente, foram esclarecidas as funções, características e estrutura do gênero a serem trabalhadas, e, em seguida, a primeira proposta de produção foi solicitada:

Aula 01:

Se você tivesse a oportunidade, o que você diria para o seu maior medo ou o vilão de sua vida? Escreva, então, uma carta pessoal para aquele que tanto te atormenta.

Com o comando em mãos, os alunos passaram a produzir a primeira carta pessoal da oficina. Vale ressaltar que o comando era intencionalmente construído de maneira a proporcionar as mais variadas interpretações. Esse objetivo foi alcançado até de maneira bastante surpreendente, como constatamos na entrega e no momento de leitura, avaliação, análise e correção das produções.

Na segunda aula da oficina, como eles já sabiam que se tratava de uma oficina de cartas, assim que todos se acomodaram, a estrutura do gênero foi lembrada, e a segunda produção foi solicitada com o seguinte comando escrito no quadro:

Aula 02:

Uma carta para o meu herói.

O que você diria para o seu herói? Escreva uma carta pessoal para aquele que você considera o herói de sua vida.

Novamente, o comando era bastante amplo justamente para provocar a reflexão e múltiplas interpretações por parte dos alunos. Esse objetivo também foi alcançado, como constatamos no momento de leitura, avaliação, análise e correção dessas produções.

A terceira aula da oficina também transcorreu com a segunda. O comando solicitava a produção de uma carta:

Aula 03

Uma carta para meu futuro.

O que você diria ou perguntaria para o seu “eu” do futuro? Escreva, então, uma carta para você mesmo só que no futuro.

Como já citado, tal comando também permitia abertura para múltiplas interpretações a abordagens no ato de escrever a carta, tais como questionamentos, dicas, conselhos, sugestões, desabafos que foram verificados no ato de leitura, avaliação, análise e correção das cartas.

A quarta e última aula da oficina foi dedicada à reescrita das cartas que apresentaram problemas na forma e, principalmente, no conteúdo. As cartas de cada aluno foram cuidadosamente lidas, avaliadas, corrigidas e analisadas e aquelas que apresentaram problemas graves de adequação ao gênero, sequência lógica, unidade temática, acentuação, disposição gráfica, gramática, legibilidade, ortografia, paragrafação, pontuação e vocabulário foram devolvidas e solicitadas à reescrita de acordo com as falhas devidamente sinalizadas. Foram selecionadas uma ou duas cartas de cada aluno para a reescrita, visto que as produções em sua maioria não apresentavam disparidades de conteúdo e de forma exigidos para a correção.

O teor, “tom” e, principalmente, os conteúdos das cartas foram bastante intimistas e surpreendentes. Problemas de escrita foram também verificados, sinalizados e devidamente corrigidos. Contudo o foco da oficina era levar os alunos a se expressarem, refletirem e enfrentarem alguns de seus medos, e os resultados foram muito satisfatórios.

Análise de cartas escolhidas

Como já supracitado, os alunos fizeram as mais variadas interpretações dos comandos solicitados, resultando, assim, produções bastante ricas, intimistas, reveladoras e reflexivas.

Com relação às cartas para os medos, surgiram produções direcionadas às baratas e lagartixas, até para a solidão, morte, pobreza e a personificação do medo como ser destrutivo e ceifador de felicidade. Um exemplo disso é a carta a seguir escrita por aluno do terceiro ano do Ensino Médio:

Carta 1

Arapongas, 05 de fevereiro de 2016.

Caro Medo,
Sei o quanto você me ama e sei como você gosta de cuidar da minha vida; afinal, está sempre fazendo de tudo para me ver na pior.
Bom, eu sei que diversas vezes você consegue me controlar e fazer algo que queria, pois você fazia com que tivesse medo de tentar ou de fazer.
Porém, venho aqui escrever essa carta para dizer que seus dias de glória acabaram! Não vou, e nem pretendo, deixar que você atrapalhe a minha vida e me impeça de aproveitar tudo o que eu quero (e que deixei de aproveitar), pois, você, medo, sempre fica no meu ouvido me incomodando, dizendo que não era capaz; e com isso eu deixava de aproveitar as coisas boas que a vida nos proporciona.
Então, quero que fique claro que qualquer laço que existia entre nós acabou.
De vez em quando eu mando uma foto ou texto para você, para você ver o quão boa está sendo a minha vida sem você. Para você “amigo medo”, te desejo boa sorte na procura de um novo emprego! Uma dica para você: na felicidade tem serviço o tempo inteiro!

Adeus,
Jean

Figura 1. Carta produzida por um aluno.

A carta 1 reflete exatamente (e até mais) o que se esperava da proposta de produção: o enfrentamento do medo. Na carta, o autor confessa que o medo o impedia de fazer várias coisas, mas que, agora, ele está disposto a dar um basta nisso. E até sugere que o medo vá procurar emprego na felicidade. Tal texto é fruto de uma reflexão profunda que esse aluno teve com relação aos obstáculos que os medos dele sempre o impunham, fazendo que ele deixasse de aproveitar os momentos bons (autoidentificação).

Trata-se, sim, de um diálogo com um medo personificado, mas, principalmente, de um monólogo no qual ele trava com ele mesmo e decide dar um basta nesses medos que o subjagam e o perturbam. Sob este ponto de vista, a humanização desse aluno é elevada, pois ele “faz o exercício da reflexão, penetra nos problemas da vida e percebe a complexidade do mundo e dos seres”. (CANDIDO, 1995, p. 180)

O texto produzido também apresenta literariedade, haja a presença de personificações e metáforas utilizadas na composição. A linguagem utilizada reflete essa intimidade que ele tem com esse medo e, ao mesmo tempo, com um teor de duelo, uma vez que ele quer colocar um ponto final nisso. Uma carta, portanto, bastante expressiva, reflexiva e humanizadora.

Abordando as cartas direcionadas aos heróis, os resultados também foram muito significativos. Alguns textos foram dirigidos a Deus, mas, em sua maioria, os alunos entenderam que os heróis de suas vidas são os seus pais. A carta 2 retrata exatamente essa exaltação e agradecimento aos pais.

Carta 2

Arapongas, 12 de fevereiro de 2016.
Meus Heróis,
Venho por meio dessa carta, agradecer os heróis da minha vida! Os heróis da minha vida são vocês, meus pais, que sempre fazem de tudo por mim, me dão tudo o que eu peço, mesmo que não tenham condições; me dão carinho, amor, comida e muitas outras coisas...
Vocês são tudo na minha vida! Meu amor por vocês é incondicional. Você, minha mãe, por exemplo, faz de tudo: cozinha, passa roupa, lava roupa, trabalha durante 6 horas por dia, mas isso não é o que me faz amar você. Eu te amo, pois você é a melhor mãe do mundo! É uma grande amiga, conselheira, atenciosa, amorosa...
Você, meu pai, também faz várias coisas: trabalha das 8:00 da manhã às 18:00 da tarde, às vezes viaja e fica um mês longe de casa, mas também não é o que faz eu te amar tanto. Eu te amo, pois você é o melhor pai que existe. Você é meu melhor amigo, parceiro, carinhoso, joga vídeo game comigo e me faz rir muito. E são esses “pequenos” detalhes que fazem de vocês, meu pai e minha mãe, os heróis da minha vida.
Amo vocês,
Guilherme

Figura 2. Carta produzida por um aluno.

A identificação dos pais como sendo os heróis da vida do aluno também é fruto de uma reflexão que o autor da carta 2 faz da vida dele. Há um reconhecimento pelo que os pais fazem por ele, um agradecimento por isso tudo e, principalmente, a expressão do amor que sente pelos pais.

Na carta 2, há não só um movimento de monólogo, mas também de diálogo, pois essa carta poderia ser enviada e lida pelos pais dele. A linguagem é intimista e espontânea, porém o aluno é cuidadoso se expressar, haja vista o uso do vocativo “meus pais” recorrente no texto, das reticências e das aspas que evidenciam uma linguagem figurada, usada por ele ao falar dos “pequenos detalhes”. Novamente, se há reflexão, há humanização, pois ele se coloca no lugar dos pais ao perceber tudo o que eles fazem por ele, afinal são os “melhores pais do mundo”.

Por fim, as cartas destinadas ao futuro também foram bastante sugestivas. Nelas, os alunos fizeram questionamentos sobre como seria a vida deles no futuro. A carta 3 é um exemplo disso:

Carta 3

“Arapongas, 19 de fevereiro de 2016.
Querida Déborah do futuro,
Estou aqui escrevendo essa carta para saber como o meu comportamento aqui está influenciando a sua vida no futuro. Espero que você esteja muito bem. Está fazendo faculdade? Espero que sim e de algum ramo da medicina. Hoje em dia eu não sei bem o que eu quero! Mas eu espero que você já saiba, né?!
Como está a minha mãe? E meu pai? Espero que eles estejam bem! E a minha irmã, Livia, como está? Acho que ela já está bem grandinha né?! Você perdeu alguém da nossa família? Espero que não; que todos estejam unidos e bem!
Estou escrevendo essa carta e ano passado eu reprovei, você sabe disso né, e espero muito que você não cometa essa burrada novamente. Confie muito em você mesma porque é muito capaz de fazer o que você bem quiser!
Não se esconda do mundo! Seja feliz! Curta a vida (com moderação), não aborreça nossos pais, eles te amam e confiam em você!
Agora eu tenho que ir, pois o sinal já vai bater.
Adeus!
Déborah”

Figura 3. Carta produzida por uma aluna.

Na carta 3, a aluna questiona sobre o futuro, pergunta sobre seus pais e irmã e faz uma reflexão bastante pertinente: como suas atitudes atuais podem refletir em seu futuro. Ela traça um paralelo com a reprovação do ano anterior e adverte a si mesma a não passar mais por isso. Escrito em tom de advertência, aconselhamento e questionamentos, o texto apresenta uma linguagem bastante espontânea e faz uso de interjeições e exclamações.

Novamente, os temas autoidentidade e reflexão se fazem presentes no texto, e a memória da reprovação é vista como algo a não ser esquecido, tampouco repetido no futuro. Uma carta bastante honesta, sincera e humanizadora, que a leva a refletir sobre suas atitudes e a autoafirmação de que ela “é capaz de fazer o que bem quiser”.

O trabalho desenvolvido com o gênero carta pessoal nesse viés de “monólogo” e expressão, reflexão, humanização e de enfrentamento dos medos foi bastante enriquecedor e com resultados muito satisfatórios. Os alunos responderam bem aos comandos e se empenharam em construir textos intimistas, porém muito reflexivos. As leituras e interpretações que eles fizeram das propostas também foram muito interessantes. Cada um olhou para si e para sua vivência e decidiu escrever cartas reveladoras, honestas, sinceras e desafiadoras nas quais eles puderam revelar sua identidade e refletir sobre os temas abordados.

O teor mais literário das cartas ficou por conta não só do estilo de linguagem utilizada (permeada de metáforas, personificações, pontuações emblemáticas, uso da conotação, interjeições e inversões), mas também pelo caráter humanizador, compreendido, neste trabalho, à luz dos escritos de Candido (1995):

“Exercício da reflexão, aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.” (ibid. p.180).

Desta forma, as cartas produzidas pelos alunos foram altamente humanizadoras, pois eles puderam refletir sobre a vida, se colocar no lugar do outro, pensar nos problemas da vida e perceber a complexidade do mundo e do que os cerca. Sendo assim, o trabalho na oficina com produção de cartas pessoais não poderia ter dado mais certo, e os resultados foram além das expectativas.

Considerações finais

Fazendo referência a Bronckart (2006), Marchuschi (2008) afirma que “o trabalho com gêneros é interessante na medida em que eles são instrumentos de adaptação e participação na vida social e comunicativa”. Foi exatamente nessa direção que o trabalho com o gênero carta pessoal se desenvolveu. Os alunos fizeram uso da linguagem e de um gênero textual para refletir sobre a vida, seus medos, sua inserção no mundo, sobre suas atitudes, sobre como eles se enxergam, e, principalmente, puderam dar um passo em direção à humanização que nós educadores tanto almejamos.

Os escritos não serviram (apenas) para verificar o uso que eles fizeram de determinado código, a utilização de estruturas de um determinado gênero, inserido em um domínio discursivo e permeado por sequências textuais. O trabalho realizado foi além de tudo isso.

Como já abordado no título, foi um caminho entre o diálogo e o monólogo, um momento de expressão, de reflexão, de desafio e enfrentamento para assim se atingir a humanização, que está longe de ser concluída e finalizada com tal projeto. A humanização é e será um fator contínuo que todos nós buscamos durante toda a vida.

Tal trabalho foi apenas mais um colaborador para que se alcancem tais ideais (de humanização e de reflexão) e que não se encerra por aqui. Obteve, também, resultados além dos esperados e muito satisfatórios, tendo em vista os objetivos aos quais se propunha.

Referências

ADAM, J. M. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2011.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

CANDIDO, A. O Direito à Literatura. In: _____. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

KÖCHE, V. S. et al. *Estudo e produção de textos: gêneros textuais do relatar, narrar e descrever*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. (org.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SANTOS, G.J.F. NETZEL, R.M.A. OLIVEIRA, M.M. Gêneros textuais de organização didática: teorias que embasam a prática cotidiana. *Revista Contraponto* [on line] v.5, n.8, p. 56-69, 2º sem. 2015. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/contraponto/article/viewFile/11168/9025>>. Acesso em: 21 abril, 2016.